Revista COOPEX (ISSN:2177-5052)

Automedicação em idosos: uma investigação na atenção primária à saúde para uma abordagem integral

Self-medication in the elderly: an investigation in primary health care for a comprehensive approach

***Élida Lúcia Ferreira Assunção*[1]**
***Flávio Lima Silva*[2]**
***Guilherme Almeida Barbosa*[3]**
***Lucas dos Santos Oliveira Ramos*[4]**
***Marianna Leite Barroso*[5]**
***Paulo Fernando da Silva*[6]**
***Victor Emmanuel Freitas Nogueira*[7]**

RESUMO: O objetivo geral deste trabalho é avaliar a prevalência da automedicação entre os idosos na Atenção Primária a Saúde. A metodologia adotada na presente pesquisa foi uma revisão integrativa da literatura. Para a execução completa da pesquisa, foi utilizada a estratégia PICo. O levantamento dos estudos foi realizado em bases de dados eletrônicas de periódicos: Biblioteca Virtual de Saúde, Scientific Electronic Library Online e Google Acadêmico. O intervalo de data de publicação definido para a seleção dos estudos foi definido em: pesquisas publicadas entre 2019 e 2024. Evidenciou-se que a automedicação entre a população idosa é uma prática com alta prevalência que, ao invés de proporcionar benefícios, pode acarretar prejuízos significativos à saúde. A automedicação entre idosos representa uma preocupação significativa para a saúde pública, devido aos riscos aumentados de interações medicamentosas e reações adversas, exacerbados pelas limitações farmacocinéticas do envelhecimento. A prática pode levar a diagnósticos tardios, prolongamento do sofrimento e complicações graves, incluindo maior resistência antimicrobiana e custos de saúde elevados. Assim, é crucial que intervenções educativas e políticas de saúde sejam implementadas para promover o uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Idosos; Automedicação; Qualidade de vida; Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT: The general objective of this study is to assess the prevalence of self-medication among the elderly in Primary Health Care. The methodology adopted in this study was an integrative literature review. The PICo strategy was used to complete the research. The survey of studies was carried out in electronic journal databases: Virtual Health Library, Scientific Electronic Library Online and Google Scholar. The publication date range for the selection of studies was defined as: research published between 2019 and 2024. It was found that self-medication among the elderly population is a highly prevalent practice which, instead of providing benefits, can cause significant damage to health. Self-medication among the elderly represents a significant public health concern, due to the increased risks of drug interactions and adverse reactions, exacerbated by the pharmacokinetic limitations of ageing. The practice can lead to delayed diagnosis, prolonged suffering and serious complications, including increased antimicrobial resistance and high healthcare costs. It is therefore crucial that educational interventions and health policies are implemented to promote the rational use of medicines.

Keywords: Elderly; Self-medication; Quality of life; Primary Health Care.

DOI: 10.61223/coopex.v15i3.969

[1]Mestre em Clínicas Odontológicas pela Pontífica Universidade Católica. E-mail: elida.assuncao@ufvjm.edu.br;
[2]Graduando de Medicina do Centro Universitário Santa Maria. E-mail: 20211056025@fsmead.com.br;
[3]Graduando de Medicina do Centro Universitário Santa Maria. E-mail: 20211056021@fsmead.com.br;
[4]Graduando de Medicina do Centro Universitário Santa Maria. E-mail: lucasramoss2022@gamil.com;
[5]Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: mariannaleite_@hotmail.com;
[6]Doutor em Educação reconhecido pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: cap_fernando12@hotmail.com;
[7]Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Santa Maria. E-mail: victorenogueira@icloud.com.

INTRODUÇÃO

Com o avanço do crescimento urbano no Brasil, o perfil demográfico da população passou por uma transformação significativa. O país, que outrora era predominantemente jovem, agora apresenta um crescente índice de idosos. Diversos fatores contribuíram para essa mudança, como a redução da taxa de natalidade, a queda na taxa de mortalidade, a migração da população rural para áreas urbanas e a tendência das famílias a terem menos filhos. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população idosa pode alcançar 19 milhões de pessoas até 2060 (Grupo de Foz, 2021).

O envelhecimento populacional acarreta diversos desafios de saúde, associados a condições físicas, mentais e biológicas, que tornam os idosos mais suscetíveis a doenças crônicas que requerem tratamentos farmacológicos. Este grupo, consequentemente, apresenta o maior consumo de medicamentos, sendo mais vulnerável à polifarmácia e à automedicação (Santos Filho;Trentin, 2023).

A automedicação, caracterizada pelo uso de medicamentos sem prescrição ou orientação profissional, é uma prática cada vez mais comum entre a população brasileira, especialmente entre os idosos. Fatores como a facilidade de acesso e a intensa propaganda de medicamentos, em contraste com poucas campanhas de conscientização sobre os riscos, contribuem para esse cenário. Assim, apesar dos benefícios dos medicamentos, seu uso irracional tem gerado um quadro preocupante (Xavier et al. 2021; Santos et al. 2023).

Nesse cenário, a Atenção Primária à Saúde (APS), sendo a porta de entrada dos serviços públicos de saúde, desempenha um papel crucial ao oferecer uma abordagem integral e acessível que pode melhorar a educação dos pacientes e a gestão adequada do uso de medicamentos, visando reduzir os riscos associados à automedicação e promover um cuidado mais seguro e eficaz para os idosos (Brito et al. 2023; Dambros Filho et al. 2023).

Assim, o objetivogeral deste trabalho é avaliar a prevalência da automedicação entre os idosos na APS. Os objetivosespecíficos são: identificar os principais fatores que influenciam a automedicação entre a população idosa; investigar os impactos e os riscos associados à automedicação; refletir sobre o papel da APS na prevenção da automedicação.

Reconhecendo a importância da APS no cuidado centrado na pessoa e na coordenação do cuidado através da equipe multiprofissional, este trabalho torna-se relevante por contribuir para a melhoria da saúde da população idosa por meio de uma análise aprofundada da questão

da automedicação. Sua construção justifica-se pela necessidade de entender os impactos e riscos associados à automedicação nesse grupo específico de pessoas.

Desta forma, este estudo não apenas contribui para a melhoria da saúde da população idosa, mas também subsidia políticas e práticas de saúde pública voltadas para a promoção do cuidado integral e seguro, alinhadas aos princípios da APS e ao envelhecimento saudável e ativo.

METODOLOGIA

A metodologia adotada na presente pesquisa foi uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo foi a realização de uma investigação científica sobre a problemática levantada, para assim integrar, avaliar e sintetizar resultados de estudos pertinentes à temática abordada.

O método empregado na elaboração desta pesquisa aderiu a técnicas padronizadas, viabilizando a análise e replicação de estudos semelhantes sem que a variação metodológica interfira nos resultados, com o intuito de expandir os conhecimentos e as resoluções (Köche, 2016).

Os conhecimentos incorporados, avaliados e sintetizados na revisão integrativa visam contribuir de maneira significativa para reduzir incertezas identificadas na abordagem do problema, possibilitando deduções coerentes que facilitam o processo de tomada de decisões. No espectro das metodologias de pesquisa, a revisão integrativa da literatura é considerada a mais abrangente (Lima Dantas et al. 2022).

Assim, a pesquisa foi concebida por meio de uma investigação com abordagem qualitativa, envolvendo uma síntese de análises de conceitos e conhecimentos já documentados na literatura estudada (Köche, 2011). Para a execução completa da pesquisa, foi utilizada a estratégia PICo (sigla que designa respectivamente P: população/pacientes; I: intervenção; C: comparação/controle; O: desfecho/outcome), com o objetivo de abordar as especificidades do presente estudo (Santos; Galvão, 2014).

Assim, a pergunta norteadora formulada foi: Como a automedicação influencia diretamente na qualidade de vida dos idosos e qual é o impacto do fortalecimento da Atenção Primária à Saúde (APS) na melhoria da segurança e eficácia do uso de medicamentos nessa faixa etária? Essa perspectiva está apresentada na Tabela 01.

Tabela 01: Elaboração da pergunta norteadora do estudo segundo a estratégia PICo.

Acrônimo	Descrição	Termos
P	População	Idosos
I	Interesse	Compreender a prevalência da automedicação e seus impactos na saúde.
Co	Contexto	Aumento da prática da automedicação em idosos.

Fonte: elaboração dos autores, 2024.

O levantamento dos estudos foi realizado em bases de dados eletrônicas de periódicos: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. Foram utilizados os seguintes descritores: "Idosos", "Automedicação", "Qualidade de vida" e "Atenção Primária a Saúde", com os operadores booleanos "AND" e "OR". O intervalo de data de publicação definido para a seleção dos estudos foi definido em: pesquisas publicadas entre 2019 e 2024.

Os critérios de inclusão para a pesquisa foram: (a) materiais escritos na língua portuguesa e disponibilizados na íntegra, (b) trabalhos em formato de artigos e (c) materiais publicados entre os anos de 2019 e 2024. Foram excluídos da pesquisa: (a) estudos incompletos e (b) estudos que não abordem explicitamente a problemática levantada.

A coleta de dados foi inicialmente organizada na busca pelos materiais dentro das bases de dados e a seleção dos mesmos que se demonstraram construtivos para a pesquisa, sendo logo após selecionados os dados destes materiais que estiverem diretamente relacionados com a temática pesquisada.

Foram encontrados 421 artigos nas bases de dados acimas citados, após leituras dos títulos, constatou-se que 209 se repetiam nas diferentes bases, assim 212 artigos foram avaliados. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 206 foram descartados e obteve-se uma amostra final de 06 artigos para compor a revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Visando alcançar uma melhor organização e compreensão, os dados dos artigos foram organizados e tabulados de maneira a descrever, o título do artigo, os autores, o ano de publicação e os principais resultados alcançados (Quadro 01). As discussões foram construídas através de texto corrido, de forma a fomentar uma confrontação entre os dados coletados para

que se torne possível refutar ou ratificar as informações utilizadas e que se demonstrem como construtivas nesse material.

Quadro 01: Caracterização dos artigos selecionados.

Ordem	**Ano**	**Autor**	**Título**	**Resultados**
06	2023	Araujo et al.	Eventos adversos à saúde e os fatores relacionados à prática de automedicação em idosos	A automedicação é influenciada por vários fatores, incluindo idade, sexo, nível de escolaridade, estado civil, situação socioeconômica, cobertura de plano de saúde, local de residência e disponibilidade de medicamentos para o indivíduo. A atitude dos idosos em relação a doenças, tratamentos médicos, ambiente de tratamento hostil, sistema de saúde ineficiente e influência estão entre os fatores relatados associados à automedicação em idosos.
03	2021	Moreira; Lima; Sousa	Riscos da automedicação entre idosos	Existem diversos problemas causados pela automedicação, principalmente em pacientes da terceira idade, que já possuem a sua capacidade funcional comprometida. O maior risco de eventos adversos é uma consequência da automedicação irresponsável, principalmente em pacientes idosos, que já costuma ser mais suscetível a apresentar efeitos colaterais no uso de muitos medicamentos.
04	2021	Nascimento; Fernandes; Rodrigues.	Riscos da automedicação na terceira idade	A automedicação se apresenta como um fator agravante da condição de saúde do idoso, pois estes indivíduos estão mais suscetíveis a problemas

				relacionados à essa prática, naturalmente devido às alterações fisiológicas específicas do envelhecimento e problemas de saúde crônicos, o que deixa os idosos mais vulneráveis. No Brasil, alguns fatores que contribui para essa conduta são as dificuldades ao acesso aos profissionais de saúde, a falta de esclarecimento nas propagandas, publicidades mascaradas sobre os efeitos adversos, além da fácil aquisição de alguns grupos de medicamentos.
05	2022	Ramires et al.	Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados	A pesquisa com população brasileira acima de 16 anos, sem um período delimitado para a prática, mostrou que a prática da automedicação possui os seguintes índices: 76,2% em 2014; 72% em 2016; e 79% em 2018. Em face do exposto, comprova-se prevalência significativa de automedicação em um grande número de pessoas, independente da faixa etária e do período de tempo avaliado, pois esta faz parte dos hábitos de vida desses indivíduos.
01	2019	Silva et al.	Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção	A automedicação foi uma prática descrita pela maioria dos entrevistados. A prevalência encontrada no presente estudo para o consumo de medicamentos sem

			primária à saúde	prescrição foi de 66,7%.o presente estudo mostrou que os não-prescritos mais utilizados foram os analgésicos e antitérmicos, para as queixas de febre (45%) e cefaleia (7,2%).
02	2021	Silva et al.	Automedicação em idosos da Atenção Básica	A automedicação tem alta prevalência entre os idosos, sendo praticada por 68,6% da população estudada. No presente estudo, sete diferentes classes de medicamentos foram identificadas, os anti-hipertensivos e os antidiabéticos foram os mais frequentes em razão das DCNT cardíacas e metabólicas, como HAS e Diabetes Mellitus (DM), respectivamente, serem as mais prevalentes na amostra.

A partir das análises dos artigos selecionados foi possível compreender melhor o tema abordado e preencher lacunas acerca a problemática levantada. As informações apresentadas pelos autores evidenciam uma preocupação constante com a automedicação entre a população idosa. Os autores apontam que essa prática é recorrente e, ao invés de proporcionar benefícios, pode acarretar prejuízos significativos à saúde. Isso se deve ao fato de que os idosos, devido à maior incidência de doenças crônicas, fazem uso de uma quantidade elevada de medicamentos diariamente.

Todos os estudos apontaram que a automedicação é uma prática prevalente entre a população idosa. Esta se revela um fator agravante para a saúde dos idosos, pois eles são mais suscetíveis a problemas decorrentes da automedicação devido às alterações fisiológicas específicas do envelhecimento e à presença de doenças crônicas. Essas condições tornam os idosos mais vulneráveis a efeitos adversos e interações medicamentosas.

O estudo de Silva et al. (2021) revelou que a automedicação é altamente presente entre os idosos, com 68,6% da população estudada praticando-a. O estudo conduzido por Ramires et al. (2022) analisou a automedicação na população brasileira acima de 16 anos, sem um período

delimitado, e registrou os seguintes índices: 76,2% em 2014, 72% em 2016 e 79% em 2018. No estudo de Silva et al. (2019), a prevalência do consumo de medicamentos sem prescrição foi de 66,7%.

Esses resultados demonstram que a automedicação é uma prática comum com alta prevalência, evidenciando um hábito profundamente enraizado. A persistência dessa prática ao longo dos anos sublinha a necessidade urgente de intervenções educativas e políticas públicas para promover o uso racional de medicamentos e reduzir os riscos associados a essa prática.

Araujo et al. (2023) e Nascimento; Fernandes; Rodrigues (2021) apontam que as variações fisiológicas típicas do envelhecimento modulam significativamente os aspectos da farmacodinâmica e farmacocinética dos medicamentos, aumentando tanto a eficácia terapêutica quanto a incidência de efeitos adversos, podendo causar sérios problemas de saúde. Embora o uso de medicamentos possa melhorar a qualidade de vida, o consumo excessivo pode agravar doenças, provocar reações adversas, atrasar diagnósticos e causar intoxicações

Para Silva et al. (2021) e Moreira; Lima; Sousa (2021),no Brasil, vários fatores contribuem para conduta da automedicação, incluindo dificuldades no acesso a profissionais de saúde, a falta de esclarecimento nas propagandas e publicidades que mascaram os efeitos adversos, além da fácil aquisição de certos medicamentos. A situação é agravada pela ausência de campanhas educativas eficazes que informem sobre os riscos da automedicação e pela subvalorização da orientação farmacêutica e médica, que poderia proporcionar uma supervisão adequada no uso de medicamentos. Esses fatores combinados criam um cenário preocupante, onde a automedicação não só prevalece, mas também potencializa os riscos à saúde da população idosa.

Nascimento; Fernandes; Rodrigues (2021) reforça que a automedicação, definida como o consumo indiscriminado de medicamentos, é um problema de saúde pública influenciado pela facilidade de aquisição e utilização de produtos farmacêuticos. Para o autor, campanhas educativas são essenciais para promover o consumo racional de medicamentos e evitar reações adversas e complicações indesejadas, especialmente entre os idosos.

Ramires et al. (2022) e Araujo et al. (2023) explanam ainda que com o aumento da expectativa de vida, essa faixa etária necessita de atenção especial devido ao declínio das funções físicas, psicológicas e biológicas, que os torna mais suscetíveis a interações medicamentosas e efeitos adversos. Em consonância com esses autores, e com Dias et al. (2022), o consumo elevado de medicamentos entre idosos, exacerbado pelo envelhecimento, pode resultar em sérios problemas de saúde se não for controlado. Portanto, o trabalho

interdisciplinar entre profissionais de saúde é fundamental para informar e educar a população sobre o uso correto de medicamentos, assegurando qualidade de vida e minimizando riscos.

Ao analisar os medicamentos mais frequentemente utilizados, constatou-se que os analgésicos e os antitérmicos, devido à facilidade de acesso, constituem as classes mais consumidas. Outras classes como os anti-hipertensivos e antidiabéticos, em razão da predominância de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) cardíacas e metabólicas, como hipertensão arterial sistêmica (HAS) e diabetes mellitus (DM), respectivamente, também são utilizados sem prescrição. Cabe lembrar que multiplicidade de diagnósticos a que os idosos estão expostos favorece a polifarmácia e, consequentemente, a automedicação (Silva et al. 2019; Silva et al. 2021; Araujo et al. 2023).

Evidenciou-se que a dor, febre, gripe, cefaleia, problemas digestivos e dor de garganta são os principais fatores motivacionais para a automedicação entre a população idosa. Observa-se que a automedicação está associada ao controle e tratamento de sintomas agudos que acometem a população em geral (Ramires et al. 2022; Silva et al. 2019).

Moreira; Lima; Sousa (2021), ressalta que a prática da automedicação é influenciada por uma série de variáveis, incluindo idade, gênero, nível educacional, estado civil, situação socioeconômica, acesso a planos de saúde, local de residência e disponibilidade de medicamentos. Diversos fatores estão associados à automedicação entre os idosos, como suas percepções em relação às doenças, tratamentos médicos, ambientes de tratamento, eficácia do sistema de saúde e influências externas.

Conforme Araujo et al. (2023) e Moreira; Lima; Sousa (2021), a automedicação em idosos requer atenção especial devido ao aumento do risco de interações medicamentosas e reações adversas a medicamento, exacerbadas pelas alterações fisiológicas típicas do envelhecimento, como limitações farmacocinéticas. Além disso, há o risco de diagnósticos tardios ou incorretos e o prolongamento do sofrimento associado a doenças não tratadas adequadamente.

Silva et al (2019) reforça que embora a automedicação responsável possa reduzir custos de tratamento e tempo de internação, facilitando também o tratamento emergencial de condições que ameaçam a vida, ela acarreta riscos significativos para a saúde. Esses riscos incluem atraso no tratamento adequado, resistência antimicrobiana e mascaramento dos sintomas de doenças graves, potencialmente levando a complicações severas, maiores despesas com saúde e até morte. Ademais, a utilização inadequada de medicamentos, seja por dosagens

incorretas, intervalos de dose inapropriados ou desconhecimento das precauções e contraindicações, pode resultar em interações medicamentosas, intoxicação e dependência.

Nesse contexto, Silva et al. (2021) e Silva et al. (2029), deixam claro que a APS desempenha um papel crucial no enfrentamento dessa problemática. Ela pode atuar na orientação e educação dos pacientes idosos sobre o uso correto dos medicamentos, destacando os riscos da automedicação. Segundo os autores, os profissionais de saúde na APS estão em uma posição privilegiada para identificar casos de polifarmácia e automedicação, oferecendo aconselhamento adequado e ajustando os tratamentos conforme necessário.

Além disso, Ramires et al. (2022), convergindo com o pensamento de Batista et al. (2022), reforça que a APS pode facilitar o acesso a cuidados médicos regulares, reduzindo a necessidade de automedicação e garantindo que os idosos recebam diagnósticos e tratamentos apropriados em tempo hábil. Por meio de campanhas educativas e consultas regulares, a APS pode contribuir significativamente para a segurança e bem-estar da população idosa, promovendo o uso racional e seguro de medicamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a automedicação entre idosos representa uma preocupação significativa para a saúde pública, devido aos riscos aumentados de interações medicamentosas e reações adversas, exacerbados pelas limitações farmacocinéticas do envelhecimento. A prática pode levar a diagnósticos tardios, prolongamento do sofrimento e complicações graves, incluindo maior resistência antimicrobiana e custos de saúde elevados.

Assim, é crucial que intervenções educativas e políticas de saúde sejam implementadas para promover o uso racional de medicamentos. Nesse cenário, a APS tem um papel vital, proporcionando orientação e educação, identificando casos de polifarmácia, ajustando tratamentos e facilitando o acesso a cuidados médicos regulares. É imperativo fortalecer APS através de políticas que atendam integralmente às necessidades dos idosos, proporcionando maior acesso ao atendimento multidisciplinar e multiprofissional, além da simples oferta de medicamentos.

Ressalta-se que o fenômeno da automedicação é complexo e de difícil controle. Assim, a colaboração entre profissionais e serviços de saúde na mobilização e conscientização da sociedade pode produzir efeitos positivos, garantindo que o cuidado terapêutico não seja negligenciado ou delegado inadequadamente.

O fortalecimento da APS deve incluir a promoção de estratégias educativas, campanhas de conscientização e a integração de tecnologias de informação para monitorar e orientar o uso de medicamentos entre os idosos. Além disso, é necessário incentivar a formação contínua dos profissionais de saúde para lidar com os desafios específicos dessa faixa etária, assegurando um cuidado holístico e humanizado. Ao adotar uma abordagem proativa e colaborativa, podemos melhorar significativamente a qualidade de vida dos idosos e reduzir os riscos associados à automedicação.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, L.N.C et al. Eventos adversos à saúde e os fatores relacionados à prática de automedicação em idosos. **Revista Coopex.**, v. 14, n. 2, p. 1437-1445, 2023.

BATISTA, J.A et al. Automedicação e Saúde Pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde. **fármacos**, v. 10, p. 11, 2021.

BRITO, G.S et al. Vulnerabilidade clínico funcional de idosos usuários da atenção primária à saúde: Estudo transversal. **O Mundo da Saúde**, 2023, 47.

DAMBROS, P.F. et al. Multimorbidades e sua relação com automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde. **SEPE-Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS**, v. 12, 2023.

DIAS, L.C et al. A polifarmácia em idosos e a iatrogenia na APS: Polypharmacy in the elderly and iatrogenic in PHC. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 5, p. 19042-19051, 2022.

GRUPO DE FOZ (Ed.). (2021). **Métodos demográficos: uma visão desde os países de língua portuguesa**. Blucher Open Access.

KÖCHE, J.C. (2016). **Fundamentos de metodologia científica**.Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2016.

LIMA, H.L. et al. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, 2022, 12.37: 334-345.

MOREIRA, E.M.F.; LIMA, A.L.V. de; SOUSA, M.N.A. de Riscos da automedicação entre idosos. **Bioethics Archives, Management and Health**, v. 1, n. 1, p. 169-178, 2021.

NASCIMENTO, A.M.N.; FERNANDES, V.R.S.; RODRIGUES, G.P. Riscos da Automedicação na Terceira Idade. **VII Congresso Internacional de Envelhecimento Humano.** 2021.

RAMIRES, R.O et al. Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 43, n. 1, p. 75-86, 2022.

SANTOS, L.A. de; TRENTIN, C.S.N. Revisão da prevalência de polifarmácia da pessoa idosa no Brasil. **Revista de Patologia do Tocantins**, 2023, 10.3: 240-246.

SANTOS, G.G et al. OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO:: A importância da prescrição farmacêutica. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 4, n. 1, 2023.

SANTOS, M. A. R. C.; GALVÃO, M.G.A. A elaboração da pergunta adequada de pesquisa. **Resid Pediatr**, 2014, 4.2: 53-56.

SILVA, I.D.D et al. Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde. 2019.**Journal Health NPEPS**. 2019 jul-dez; 4(2):132-150. ISSN 2526-1010.

SILVA, T.C.A et al. Automedicação em idosos da Atenção Básica. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 10, n. 2, p. 188-196, 2021.

XAVIER, M.S et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review,** 2021, 4.1: 225-240.